

A conquista do indizível

José Costa Matos

A vida transborda do conceito. Conceitua-se vida e muitas outras coisas vitais ficam fora da definição. Estas palavras de Santo Tomás de Aquino poderiam aquietar a fome humana de definir tudo. Medir. Conhecimentos. Virtudes. Saber quem é mais velho. Mas não fomos criados para a eternidade?

Para as distâncias, criou-se a vertigem do ano-luz. Na viagem de um ano, sob certas condições, a luz chega a um lugar que está a 9,5 trilhões de quilômetros desta folha de papel. No Brasil, uma teima de grande consumo de tinta: o maior poeta, Gonçalves Dias ou Castro Alves?

Guimarães Rosa esqueceu Santo Tomás de Aquino (também lá no século XIII!) e acreditou em conceituar vida: “Pode-se medir o tamanho do espírito de um homem pela maneira como ele trata a linguagem”.

A leitura de *Sintaxe do Desejo*, do poeta Dimas Macedo, lembra o padrão de Guimarães Rosa: este livro é uma busca de conquista do mistério da linguagem. Lá muito, muito atrás, no século V a.C., os sofistas, com Protágoras à frente, já buscavam o metro da vida: o homem é a medida de todas as coisas. E lá se ia a diferença objetiva entre verdade e mentira...

No livro *A Distância de Todas as Coisas*, Dimas Macedo empresta espiritualidade às paisagens de Lavras da Mangabeira, à modéstia das águas do Rio Salgado. Protesta contra o relativismo humano, tão dependente de pessoas, coisas e historicidades. E levanta aquele brado de busca do Absoluto que explica todas as teologias. E aclara o mistério das religiões: ‘... tudo o que buscamos/é Deus, sempre,/sempre esse ser que nos inquieta’.

Essa inquietação é ontológica. Está na essência da natureza humana e é uma contestação inintencional a Jean-Paul Sartre, o francês que afirmou: “Não há uma natureza humana porque não há um Deus para concebê-la”.

Espanta como um poeta, ainda tão moço, encontre a linguagem para dizer, com tanta simplicidade, o enigma supremo da presença dos homens no planeta Terra.

Outra curiosidade da linguagem de Dimas Macedo é o amor da síntese. *Sintaxe do Desejo* tem setenta poemas. Cada poema gasta um substantivo como título. Setenta palavras batizam os setenta poemas do livro...

No poema “Provérbio”, a permanência da busca da eternidade: “Não há coisas findas, / jamais, / nem coisas gastas. / Da vida o que fica, / em vão, / é a palavra acesa”.

Em tudo, na poesia de Dimas Macedo, a esperança meio desesperada de repetir João, filho de Zebedeu, que foi firmíssimo na fé do quarto Evangelho: do que se fez, nada foi feito sem a palavra. Assim, Dimas é guerreiro de uma cruzada que está num dos meus sonetos da adolescência: “Cruzados da conquista do indizível, / buscam na noite os muros do impossível, / sem promessas de rumos nas estrelas”.